ANNO XV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 12 DE MAIO DE 1901 N.º 891 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 92

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Vamos continuar. Mas, antes d'isso, pedimos ao sr. typographo e revisor do *Povo de Aveiro* que não nos façam passar tantas vezes por cavalgadura aos olhos do publico. Francamente, nós escrevemos menos tolices que as que sahiram no ultimo artigo.

No seu excellente discurso Jules Roche demonstrou que o clero em França se aproveitou sempre das desgraças da patria para se locupletar á custa d'ella.

Napoleão fez a concordata, annullando as leis admiraveis da primeira republica franceza. Pela concordata o orçamento dos cultos em França ficou sendo de 1.258:197 francos. Em 1803 já esse orçamento se elevava a quatro milhões. Em 1805 já era de doze milhões. Em 1813 attingiu 17 milhões!

A questão é deixar crescer as azas a esses corvos negros, que elles depressa tomam o vôo largo e alto. E quando a gente menos o suppõe descem de bico aberto para nos rasgar a pelle.

Morto o imperio napoleonico, o que succedeu? A França foi invadida pelo estrangeiro, desmembrada, reduzida de 130 departamentos a 86. Parece que n'essa hora afflictiva todos se deveriam juntar para mitigar as desgraças da patria, que todos se deveriam sacrificar no interesse commum. Ah! mas o clero não tem patria. E' preciso affirmar e comprovar esta grande verdade a toda a hora.

O clero não tem patria. Quando a vê cahida e prostrada é quando se lança sobre ella com furia, como o corvo negro, a ave de S. Vicente, sobre os corpos mortos. E, assim, o clero francez, que é o de todo o mundo, logo se aproveitou das desgraças que seguiram a quéda do imperio para arrancar novas dotações, novo dinheiro, á nação arruinada e faminta. O orçamento, que ficara em 1814 em 17 milhões de francos, subia em 1816,—o anno seguinte ao da invasão—a 19 milhões. Em 1820 era de 24 milhões. Em 1826 de 30 milhões. Em 1829, vesperas da quéda da restauração, de 35 milhões.

A' restauração succedeu a monarchia de julho, a monarchia dos Orléans, que durou até 1848. Em 1847 o orçamento dos cultos era de 39 milhões.

O segundo Napoleão deu o golpe d'estado de 2-dezembro de 1852. Logo os prelados abençoaram essa patifaria. Cantaram o *Te-Deum*, entoaram acções de graças. Napoleão III deu-lhes os agradecimentos com uns poucos de milhões; em 1870, quando o misero imperador se afundou na lama de Sédan, o orçamento dos cultos estava em 50 milhões.

A assembléa de Versailles, que proclamou a republica por um voto de maioria, era clerical e monarchica, como se sabe. A republica foi um recurso doloroso para ella. Ainda assim só a votou por um voto. Clericaes e monarchicos foram—nem outra coisa podia succeder—os primeiros governos da terceira republica franceza. Pois d'isso se aproveitou o clero para arrancar novos dinheiros á França, á França esmagada, á França anniquilada, á França reduzida á ultima penuria.

«Quando a patria estava esmagada com o peso das suas desgraças, veio a Egreja fazer generosamente um sacrificio? Veio-nos ceder uma parte dos seus recursos? Veio em soccorro da França? Veio estender a mão á patria? Não. Quando os principes d'Orléans pediam 40 milhões... (*Applausos na esquerda*) veio a Egreja e pede, no anno mesmo em que os exercitos estrangeiros occupam ainda a maior parte do territorio do éste da França, veio a Egreja e pede e obtem mais cinco milhões para o seu orçamento. (*Vivos applausos.*)»

(Jules Roche, *discurso citado.*)

Sempre os mesmos! Sempre os mesmos!

Não cessaremos de mostrar á ignorancia geral d'este paiz o que é e o que vale essa odiosa, odiosissima egreja romana. Não se illudam. Essa milicia não tem patria. Essa milicia é inimiga de todos os progressos humanos. Essa milicia é indifferente a todas as dôres e desgraças da humanidade.

Essa milicia só tem um pensamento, só tem um interesse, só tem uma familia, só tem uma patria: é Roma.

Nenhum periodico tem provado isto melhor do que o *Povo de Aveiro*. Temos accumulado provas sobre provas e assim é preciso n'um paiz ignorante como Portugal, minado pelo scepticismo, assoberbado pela descrença, abatido por uma influencia de tres seculos de estupidez.

Mas quereis mais provas?

Ouçamos Jules Roche n'um outro discurso, pronunciado na camara dos deputados em 13 de novembro de 1882, quando se discutia a verba orçamental relativa aos ordenados dos bispos.

«Qual é o papel politico dos bispos em França? O que fazem elles? Quaes são os seus actos? Em que empregam elles os seus poderes, o dinheiro que lhes daes, a auctoridade que lhes vem da lei e das suas funcções?

O papel politico dos bispos! Mas n'esta camara ha um bispo. Temos a honra de o possuir entre nós, como deputado, felizmente para a Republica. (*Applausos e risos na esquerda.*)

Estou encantado com os eleitores não republicanos que em vez de nos mandarem para cá um simples secular nos mandaram um bispo. Prestanos relevantes serviços. (*Novos applausos na esquerda.*)

— *O sr. Clémenceau.* Sem querer.

— *O sr. Jules Roche.* Sem querer, está claro.

— *O sr. Le Prevost de Launay.* Ha de ir ao enterro da Republica.

— *O sr. Jules Roche.* Veremos isso!

Ninguem póde passar em silencio, n'este debate, o papel politico dos bispos. Qual é, podeis julga-lo pela attitude do sr. bispo de Angers n'esta tribuna. Que, lá fóra, é muito peior. Aqui, um bispo, apezar do caracter indelevel e eterno de que se diz revestido, é, no fim de contas, um deputado, e recebe a influencia do meio porque as leis da evolução applicam-se mesmo áquelles que não acreditam n'ellas. (*Sorrisos na esquerda.*) Mas fóra d'este recinto, na sua diocese, que papel desempenha, não o sr. Freppel deputado mas o sr. bispo d'Angers?

Todos vós conheceis a circular dirigida por elle aos seus padres, os padres que estão ás suas ordens, no dia 1 de julho de 1882.

— *O sr. Freppel.* Isso é uma questão pessoal.

— *O sr. Jules Roche.* Não é tal uma questão pessoal; ponho-vos completamente fóra do debate.

— *Vozes na esquerda.* Leia a circular.

— *O sr. Freppel.* Leia-a, mas leia-a toda!

O sr. Jules Roche. Vós a lereis toda, se quizerdes. O sr. bispo de Angers... não me lembra agora o nome.

— *Vozes na esquerda.* Carlos Emilio.

— *O sr. Pieyre.* Se elle é um bispo religioso vós sois um bispo laico.

— *O sr. Jules Roche.* Monsenhor Carlos Emilio, bispo de Angers, dirigiu, em 1 de julho de 1882, uma circular aos membros do seu clero, a proposito da festa nacional do 14 de julho e das instrucções dadas pelo ministro dos cultos aos representantes do poder civil.

O que diz n'essa circular monsenhor Carlos Emilio? Primeiramente fala...

— *O sr. Freppel.* Lêde a!

— *O sr. Jules Roche.* Vós a lereis, monsenhor bispo d'Angers.

— *O sr. Clémenceau.* Vós lereis o resto.

— *O sr. Jules Roche.* Tirarei d'ella, com toda a boa fé, as passagens que eu julgar aproveitaveis. Vós fareis, por vosso turno, o que vos parecer conveniente.

— *O sr. Freppel.* Isso não é sincero! Isso não é leal! (*Exclamações na esquerda.*)

O sr. presidente. Exhorto-vos, senhores, d'um lado e d'outro, a deixar continuar o orador a sua discussão como elle o entender. Uns interrompem n'o porque não estão d'accordo com elle, outros porque estão d'accordo demasiado. D'essa fórma o orador não póde falar. (Vozes: *muito bem, muito bem!*)

— *O sr. Jules Roche.* Se me fosse preciso, cada vez que cito um artigo do codigo civil, lêr os 2.281 artigos d'esse codigo, não sei o que diriais.

Monsenhor Carlos Emilio fala pois assim do anniversario do 14 de Julho, que vós, senhores deputados, declarastes festa nacional por uma lei:

«Seria, diz elle, difficil attribuir um caracter religioso ao anniversario d'um dos morticinios mais odiosos de que ha memoria na historia do nosso paiz.» (*Applausos na direita.—Risos ironicos na esquerda.*)

Não se trata, bem entendido, da Saint Barthélemy, trata-se da festa do 14 de Julho. (*Vivos applausos na esquerda e no centro.*)

— *O sr. Pieyre.* E as matanças de Setembro! (*Ruido.*)

— *O sr. conde de Lanjuinais.* A Saint-Barthélemy é um acto politico, não é um acto religioso! (*Exclamações na esquerda.*) Mas sem duvida. Estudae a historia.

— *O sr. Jules Roche.* Mais adeante, monsenhor Carlos Emilio faz allusão ás instrucções dadas pelo ministro aos maires sobre o exercicio do direito que lhes pertence relativamente aos presbyterios, ás egrejas e aos campanarios e diz na sua circular: «Se por acaso o maire quizer executar as ordens que lhe são dadas pelo ministro da justiça e dos cultos, vós, sr. cura, que estaes ás minhas ordens, vós, a quem eu me dirijo, oppor-vos-heis em meu nome.» (*Ah! ah! na esquerda.*)

Mais adeante: «Se o maire persistir, devereis intentar processo contra os delinquentes perante a auctoridade judicial.»

— *O sr. Freppel.* Perfeitamente! Foi isso que se fez. (*Muito bem, na direita.—Risos na esquerda.*)

— *O sr. Jules Roche.* Mas perdestes o processo.

— *O sr. Freppel.* Não, não! ainda está pendente dos tribunaes.

— *Vozes na extrema esquerda.* Foi um anarchista que escreveu isso!

— *O sr. Jules Roche.* Eis como um bispo, pago pela Republica, fala das festas nacionaes, das leis, das instrucções ministeriaes e ordens dadas pelo seu chefe! (*Vivas reclamações na direita.*)

— *O sr. Freppel.* Meu chefe! Mais devagar.

Em muitos bancos da esquerda, ironicamente. Muito bem! Muito bem!

— *O sr. Freppel.* Eu não tenho outro chefe senão o papa e esse não o conheceis vós!»

Ahi teem os leitores.

Os bispos francezes são os bispos portuguezes, são os italianos, são os hespanhoes, são os austriacos, são todos os bispos, são todos os padres da egreja catholica apostolica romana.

Não teem outro chefe senão o papa!

O que o bispo d'Angers, o que o bispo francez Freppel dizia na camara dos deputados em 1882, é o mesmo que o patriarcha de Lisboa, que o prelado portuguez José dos Qurações dizia no paço de S. Vicente e mandava escrever no *Correio Nacional* em 1901.

A mesmissima coisa.

Não teem outro chefe senão o papa!

E vejam lá, e digam lá, se quem tem amor á sua patria, á sua familia, á civilisação e progresso da humanidade não deve inscrever no seu programma de reformas: *guerra ao clero, guerra ao padre.*

Guerra intransigente, guerra *á outrance*, como primeira condição, condição *sine qua non*, de emancipação e progresso.

Digam lá!

O 14 de Julho de 1789 é uma data gloriosissima nos fastos de toda a humanidade. N'esse dia não houve matanças nenhumas, matanças que aliás seriam naturalissimas e justas, porque nem todas as represalias e vinganças são odiosas e injustas. Dizer o contrario, em absoluto, é negar a propria justiça. Não houve matanças. Que as houvesse, não deixava esse dia de ser o dia universal da emancipação do espirito humano.

Pois vejam ahi n'essa sessão da camara franceza, a que nos estamos referindo, como os heroes da inquisição, os bandidos da Saint Barthelémy, os salteadores das dragonadas, os assassinos do 2 de dezembro, os realistas e clericaes que cantaram *Te-Deum* e acções de graças por todos os actos de tyrannia e de infamia que tem havido no mundo, vejam como os descendentes, herdeiros e continuadores de todos os bandidos de capa, espada e batina que durante seculos tripudiaram sobre a massa geral da humanidade, vejam como esses carrascos encaram ainda hoje a data da emancipação dos opprimidos.

E enchem de lama a memoria de Marat!

E queixam-se de Robespierre!

Mas ouçam mais. Continuemos a extrahir passagens do discurso de Jules Roche.

«Eis aqui outro bispo... não, um arcebispo, este é um arcebispo, e um dos taes com que se contava como fieis á liberdade, como prelados da Egreja de França. (*Risos ironicos na esquerda.*)

— *O sr. Clémenceau.* Da Egreja nacional!!

— *O sr. Jules Roche.* E' o sr. Duquesnay, arcebispo de Cambrai. Notae que o arcebispado de Cambrai não é do numero dos que estabeleceu a concordata. (1)

Pois bem, em Reims, na grande reunião que teve logar no fim do mez de julho ultimo, o sr. Duquesnay occupou-se, elle tambem, da attitude politica que o clero de França, os catholicos, os fieis, todos os que recebem o *mot d'ordre* dos bispos e do papa, deviam ter nas circumstancias actuaes e alludindo á lei que votastes, que será um dos vossos titulos de gloria na historia...

— *Um membro da direita.* Isso não é certo!

— *O sr. Jules Roche...* á lei sobre a instrucção laica, primaria e obrigatoria... (*Applausos na esquerda.*)

— *O sr. Cuneo d'Ornano.* Lei que não applicaes.

— *O sr. Germain Cane.* Vereis se é applicada ou não.

— *O sr. Jules Roche.* E se não fôr applicada a culpa não é nossa!

— *O sr. René Gautier.* As vossas reformas são sempre reformas do futuro.

(1) Os arcebispados da concordata são Paris, Besançon, Lyon, Aix, Toulouse, Malines, Bordeaux, Bourges, Tours e Rouen. Todos os outros que existem em França são *mercês* criminosas feitas a Roma por varios governos.

—*O sr. Jules Roche.* A culpa seria do ministro e elle vos responderá.

—*O sr. René Gautier.* Derribem então o ministerio.

—*Vozes na esquerda.* Não interrompam.

—*O sr. Jules Roche.* O sr. Duquesnay falando d'essa lei exprime-se assim: «A nova lei tem sido mais funesta á França que a guerra de 1870...» (*Vivas exclamações na esquerda.—Signaes de approvação na direita.*)

—*O sr. Madier de Montjau.* Ouçam! Ouçam!

—*Vozes na direita.* Mas é a verdade.

—*O sr. Freppel.* E' a pura verdade

—*Vozes na esquerda.* Leia o documento. Leia, leia, sr. Roche.

—*O sr. Jules Roche* «... que a perda das nossas duas provincias...» (*Novas exclamações na esquerda.*)

Um membro da esquerda. Não ha patria para o clero! (*Murmurios na direita.*)

—*O sr. Visconde Desson de Saint Aignan.* Para os anarchistas é que a não ha.

—*O sr. presidente.* Deixae falar o orador!

—*O sr. Jules Roche* «... que a invasão, que a contribuição de quatro milhares de milhões de francos, e, se esse regimen durar por mais dez annos, a França ficará apodrecida até á medulla. A França será riscada do numero das nações civilisadas.» (*Vivas exclamações na esquerda.*)

—*Vozes em muitos bancos da direita.* E' verdade! E' verdade!»

E' verdade, é verdade, diziam elles.

A data de 14 de Julho é uma data odiosa. O bispo Freppel não tinha outro chefe senão o papa e todos os clericaes da camara applaudiam. A lei sobre a instrucção primaria obrigatoria e laica era peior que a guerra de 1870, que a perda das duas provincias, que a contribuição de quatro milhares de milhões. Assim o escrevia um arcebispo. E o bispo Freppel exclamava: é verdade. E toda a direita da camara, o partido monarchico e clerical, confirmava: é verdade!

Confrontem, confrontem os leitores. Confrontem e verão que é, similarmente, a mesma linguagem estupenda que os reaccionarios portuguezes teem nos pulpitos, nas suas conversas, nas suas conferencias, nos seus pasquins.

Nem podia ser d'outra fórma. O clero romano é o mesmo em todo o mundo. Todo elle recebe ordens e inspirações da mesma origem.

De maneira que a guerra á sciencia, ao progresso, á civilisação e á liberdade é hoje a mesma que era no tempo de Copernico, de Galileu, de Giordano Bruno e de D. Miguel. No fundo, sempre a mesma. Vencidos, mas não convencidos.

De maneira que os cidadãos da *liberal* do Porto não faziam senão dar provas de profunda ignorancia ou mangar com a tropa quando pediam o auxilio do bispo Barroso em favor da liberdade.

De maneira que os *liberaes* que querem distinguir e separar o clero do jesuitismo não fazem senão demonstrar-se uns *paspalhões*, sem consciencia nenhuma do que vae pelo mundo, nem de si proprios.

De maneira que a unica attitude, compativel com quem tem sérias convicções de liberdade e sérios propositos de servir a civilisação e o progresso, é não fazer restricções de jesuitismo,—porque o jesuitismo, di-lo-hemos e prova-lo-hemos sempre, é o catholicismo e o catholicismo é o jesuitismo—mas, simplesmente, guerrear o clero, guerrear o padre, guerrear Roma *á outrance*.

E quando dizemos guerrear, não nos queremos referir á guerra do bacamarte, do punhal e do trabuco. Não queremos assassinatos nem matanças. Fique para elles o exclusivo d'esses processos. Referimo-nos á guerra da consciencia, do pensamento, da acção pacifica exercendo-se pelos meios admittidos. E basta essa. Basta para triumpharmos.

Abandonemos o padre. Não lhe demos recursos pecuniarios. Não lhe entreguemos a familia nem a deixemos em contacto com elle emquanto o padre viver no regimen da actualidade. Obriguemos os governos, por uma attitude energica, a impôr os principios do direito moderno, o direito civil filho da revolução. Empreguemos uma propaganda persistente, teimosa, culta, para attrahir os espiritos ao nosso gremio. Annullemos a acção clerical por todas as fórmas. N'este sentido, seja sempre o nosso lemma.

Guerra ao clero!
Guerra ao padre!
Guerra a Roma!
E teremos vencido.

O seguimento para domingo, que nos falta ainda muito que dizer.

THEATRO LISBONENSE

No domingo passado representou-se a *Pera de Satanaz*, sendo bastante applaudidos todos os interpretes. Pinheiro vae fazendo o mais possivel por se equilibrar no desempenho dos papeis que lhe são distribuidos.

Na quinta-feira não houve espectaculo.

Hontem representou-se o *Bocacio*. As enchentes teem sido regulares.

VISCONDE DA SILVA MELLO

Falleceu ante-hontem o sr. João da Silva Mello Guimarães, visconde da Silva Mello.

Não somos dos mais competentes para fazer o elogio do finado. Manda a justiça, porém, que se diga,—e a ella obedecemos sempre no fundo dos nossos actos—que se o finado tinha alguns defeitos, e todos nós os temos, tinha qualidades notaveis que os compensavam de sobejo. Era muito amigo da sua terra, trabalhador, lhano e affavel, modesto mesmo apezar das apparencias e do titulo com que se decorou, e sem o qual, digamos de passagem, ficaria muito melhor, porque os titulos mais deprimem que engrandecem os que possuem meritos reaes, bondoso e obsequiador em extremo.

No seu coração não havia resentimentos nem odios, tivemos occasião de o apreciar, resentimentos que o obrigassem a actos incorrectos para os satisfazer. Esta qualidade, só por si, serviria, como serviu, para o tornar credor, com o tempo, da nossa justiça e, até, da nossa sympathia.

Os ultimos annos da sua vida empregou-os na obra benemerita de provedor da Santa Casa da Misericordia, á qual prestou toda a sua dedicação e relevantes serviços, que toda a imprensa local justamente apreciou e louvou.

Quando estava na melhor occasião de vêr os fructos dos seus esforços e trabalhos veio a morte e arrebatou-o, n'uma edade relativamente nova.

Sentindo o triste acontecimento, enviâmos a toda a sua familia a expressão do nosso pezar.

Fluctuando...

A divida fluctuante estava, em 17 do mez passado, em réis 47.966:718$393!

Uma bagatella.

D'estes 48 mil contos, em numeros redondo, 2 mil pertencem á divida externa, 41 mil á divida interna e o restante á conta da celebre indemnisação de Berne que ainda ha seis dias se disse no parlamento estar paga.

Não sabemos como o paiz póde ainda *fluctuar* com tão pesada boia. Mas franquêsa franquesinha, mais um boccadinho de carga, e zás! fundo.

E' a sorte.

Como Tolstoi responde

Eis alguns periodos da carta com que Tolstoi respondeu á excommunhão que contra elle lançaram os masmarros do Santo-Synodo da Russia:

«Convenci-me de que os ensinamentos da Egreja constituem, theoricamente, uma mentira astuciosa e nociva, praticamente um amontoado de superstições grosseiras e de bruxarias sob as quaes desapparece, absolutamente, o verdadeiro sentido da doutrina christã.

Sim! Eu nego uma Trindade incomprehensivel e a fabula absurda, para o nosso tempo, do peccado original; nego a historia sacrilega d'um Deus nascido de uma virgem, para remir o genero humano. Eu nego tudo isso!

.....

«No perdão periodico dos peccados comprado pela confissão, vejo uma illusão perigosa, destinada a animar a immoralidade e a fazer desapparecer todo o receio pela prática dos crimes. Na extrema-uncção e na sagração dos reis, no culto das imagens e das reliquias, em todas as ceremonias e orações determinadas pelo ritual, vejo unicamente práticas de grosseira feitiçaria.

A communhão é uma divinisação da carne contraria á doutrina christã.»

Assim responde Tolstoi aos padres do Santo-Synodo,—resposta energica e desassombrada d'um homem cuja vida, cujas obras valem mais para a gloria da humanidade do que todos os manejos da reacção, seja qual fôr a sua egreja, para a gloria de Deus!

Consolação papal

Alguns jornalistas catholicos da Belgica foram levar ao Papa a ninharia de vinte e dois contos seiscentos e cincoenta mil réis, producto d'uma subscripção aberta nos seus jornaes em proveito do cofre de S. Pedro.

O pobresinho do Vaticano agradeceu, commovido, dizendo que a Belgica era a sua consolação.

Uma consolação de vinte e dois contos, dada assim de mão beijada a um pobretão como o Papa, ainda é uma consolação que indireita a espinhela por meia duzia de dias.

Cartas d'Algures

10 DE MAIO.

Não sei se a chamada imprensa liberal, se a propria imprensa republicana, tem accentuado o facto, engraçadissimo! de varios paes da patria andarem a escrever e a prégar furias anti-jesuiticas nos jornaes e reuniões publicas, sem abrirem bico no parlamento, onde teem logar e voz.

Eu não leio toda a imprensa. Leio mesmo poucos jornaes. Mas n'estes ainda não vi uma palavra a tal respeito!

Ponho-lhe um ponto de admiração, porque é caso para isso.

Pois, senhores, eu serei um asno, mas, no meu entender, não ha facto mais significativo, mais symptomatico, que melhor defina a situação, do que o caso unico do sr. José Luciano, do sr. Dias Ferreira, do sr. Henrique Kendall e outros pares e deputados andarem a proclamar, pelas reuniões partidarias ou publicas, a nova cruzada anti-fradesca, sem tratarem a questão no parlamento.

Caso unico, verdadeiramente unico, na historia do constitucionalismo e do liberalismo do mundo. Caso que define perfeitamente a situação, porque por elle se vê que esses homens não teem independencia nenhuma, absolutamente nenhuma, e que muito ingenuo ou parvo ha de ser o que esperar d'elles qualquer coisa. Caso que desfaz todas as teias d'aranha que podessem existir sobre a existencia do governo pessoal, do absolutismo que reina em Portugal com toda a sua amplitude.

E' um absolutismo sem forcas? Tambem o de D. Miguel o seria, se D. Miguel reinasse agora em Portugal.

Não sei se é por *chantage*, se por simples facciosismo, se porque motivo que varios jornalistas se aprazem a fazer rhetorica, rhetorica que desperta enthusiasmos! sobre a comparação do regimen politico actual e o regimen politico de ha 70 annos, isto é sobre a ausencia de forcas e de fuzilamentos no reinado do sr. D. Carlos e as alçadas e as forcas no reinado de D. Miguel.

Ou é tolo quem faz a comparação ou imagina tolos aquelles que o lêem. Não ha paridade nenhuma nem entre os tempos, nem entre as situações.

O proprio D. Miguel, no seu tempo, não empregaria as crueldades que empregou se encontrasse deante de si a mansidão com que hoje se supportam todos os arbitrios, todas as immoralidades, todos os abusos do poder. D. Miguel II, por outro lado, não faria governo differente, com as circumstancias actuaes, com as mudanças de tempo e com as licções da historia, do que tem feito o sr. D. Carlos I.

Pois quê? Pois com o sr. D. Miguel II haveria Veiga algum, haveria Pereira da Cunha qualquer que fizesse mais do que teem feito o corregedor de Lisboa e o governador civil do Porto?

Estamos n'um paiz de doidos, que não vêem, nem attentam, nem pensam n'estas coisas, ou em que paiz estamos nós?

Veiga e Pereira da Cunha estabelecem a censura prévia quando querem. Veiga e Pereira da Cunha invadem as redacções dos jornaes quando lhes agrada. Veiga e Pereira da Cunha sellam as portas das typographias quando o entendem. Veiga e Pereira da Cunha supprimem periodicos d'uma pennada quando accordam de mau humor. Veiga e Pereira da Cunha chamam os jornalistas aos seus gabinetes para lhes dizer que lhes fica prohibido escrever isto ou aquillo. Veiga e Pereira da Cunha lançam bandos ou publicam editos estabelecendo preceitos draconianos para a imprensa. Veiga e Pereira da Cunha prohibem comicios. Veiga e Pereira da Cunha dissolvem reuniões á mais insignificante palavra de indignação ou de protesto. José Luciano e Hintze, se são consultados a tal respeito, approvam sempre tudo ou dizem mesmo que foram elles que tomaram a iniciativa da arbitrariedade.

Que mais se havia de fazer sob o reinado do sr. D. Miguel II?

Os senhores fazem favor de nos dizer?!...

Vamos lá, cidadãos da rhetorica, eruditos jornalistas, illustres declamadores!

Que mais se havia de fazer com o sr. D. Miguel II?

Enforcar os jornalistas ou os oradores das reuniões e dos comicios? Pisar sob as patas dos cavallos os auditores d'esses comicios? Isso nem no tempo de Nero. Não consta que Nero mandasse enforcar cordeiros nem degolar pombas. Se os jornalistas não resistem, se os oradores e o publico não respondem á violencia com a violencia, queriam os senhores que o poder ainda mandasse por cima enforcar os inoffensivos jornalistas, ou espadeirar os mansos oradores e o candido publico? E' n'isso, em não o fazer, que está a bondade e a liberdade do regimen? São esses os titulos que este impõe ao nosso reconhecimento, á nossa gratidão?

Pois, sinceramente o dizemos, resoluta e convictamente o affirmamos, apostâmos a nossa cabeça em que D. Miguel II não procederia de fórma differente.

Apostâmos.

D. Miguel II não nos dava mais, nem menos.

Mas voltem agora as guardas á fechadura. Mas resistam. Mas conspirem e deixem descobrir as conspirações. Mas façam motins e revoltas como no tempo de D. Miguel I. Não teem a pena de morte? Ah! isso teem. Repetimos: ou os senhores são tolos, ou fazem dos outros tolos, ou são todos tolos, que talvez seja esta ultima a verdadeira.

O sr. Pimentel Pinto, quando anteriormente esteve no ministerio, estabeleceu no *Codigo de Justiça Militar* a pena de morte para os crimes politicos. José Estevão de Moraes Sarmento, que lhe succedeu, tomou a peito, dizia elle, acabar com essa atrocidade. Mas este homem, que é um jesuitão, não fez mais do que disfarçar o facto. Como o filho de José Estevão a dizer que ninguem venera mais a memoria de seu pae do que elle, mas a darlhe pontapés a toda a hora, mas a enfileirar-se com João Franco no partido reaccionario, assim Moraes Sarmento, afilhado do mesmo José Estevão, carpindo

sobre a cabeça do tio espetada ahi em Aveiro na extremidade d'um pau de pinheiro, não fez outra coisa, como ministro, senão servir o absolutismo e a reacção. E, assim, o *Codigo de Justiça Militar*, feito por elle, ficou cheio de prescripções odiosissimas. Todos os artigos da secção I, quasi todos os da secção II e alguns da secção IV do capitulo I do titulo II d'esse *Codigo* condemnam á morte militares e paizanos por crimes que pódem ser essencialmente politicos, desde que o paragrapho unico do art. 50 do mesmo *Codigo* diz, claramente e textualmente: «Para todos os effeitos d'este codigo, os rebeldes armados são considerados inimigos.» Portanto, armada uma revolução, será condemnado á morte, art. 54, todo o militar que se *passar ou tentar* passar para ella, todo o que lhe *prestar auxilio*, todo o que lhe *entregar* ou *abandonar* forças do seu commando, *material de guerra, dinheiro, mantimentos, cavallos* ou *muares*; que lhe *fornecer memorias* sobre reconhecimentos militares, *noticias, santo e sanha*, etc, etc. Será condemnado á morte todo o paizano, art. 55,—porque pelo mesmo *Codigo* os paizanos são julgados em conselho de guerra logo que haja revolução, sedição ou simples suspensão de garantias—que, para auxiliar os revolucionarios, inutilisar vias ferreas, vias ordinarias, canaes, rios, linhas telegraphicas, balões, fontes, obras de ataque ou defeza, material de guerra ou viveres, etc, etc.

E teem o desplante de dizer que não ha pena de morte para crimes politicos! E o jesuitão Moraes Sarmento, afilhado do pae do jesuitão Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, sobrinho do infeliz Clemente de Moraes, o tal que carpia liberalismos sobre a cabeça do tio, como o insigne poeta Luiz derrama ternuras sobre a memoria do pae, o jesuitão Moraes Sarmento diz fazer titulo de gloria de ter arrancado do «Codigo de Justiça Militar» a atrocidade alli escripta pelo sr. Pimentel Pinto!

Que figurões! Que insignes figurões!

Na questão religiosa propriamente dita, quem nos encheu de frades e conventos senão o regimen actual no periodo de decadencia que vae atravessando? Quem, se ainda em 1860 não havia um frade, nem um jesuita, nem uma irmã da caridade em Portugal? Que garantias, n'esse ponto, lhe devemos nós, se o capitulo I e II do titulo I do livro II, art. 130 a 140 do «Codigo Penal», constituem a legislação mais odiosa e atroz no assumpto que se póde assignalar?

Quem concede o registo civil exclusivamente aos não catholicos? Quem elevou o preço de todos os actos do registo civil? Quem determinou que só possam ser enterrados civilmente aquelles que o declararem em testamento, declaração perfeitamente nulla visto o «Codigo Civil» permittir que os testamentos sejam abertos depois dos testadores enterrados?

Quando foi que *varios personagens* se resolveram a mostrar má vontade aos padres? Não foi sómente quando souberam que alguns d'elles conspiravam contra o throno?

Os jornaes inglezes pódem prestar larga homenagem aos boers e censurar o seu governo. Aos jornaes portuguezes foi-lhes isso prohibido! Os jornaes inglezes poderam criticar o governo da rainha Victoria. Os portuguezes não poderam!

Nós nem podemos discutir o Veiga! Nós nem podemos discutir as prostitutas de salão! Nós nem podemos commentar os assassinatos commettidos em plena rua!

Os ministros confessam-se em pleno parlamento simples creados do rei. Os deputados confessam-se simples creados dos ministros.

Os deputados veem falar para a rua na questão religiosa e não falam no parlamento, porque aquillo não é parlamento mas simplesmente uma *ante-camara*. No parlamento, isto é, na antecamara, ministros, deputados e pares *recebem ordens e cumprem-n'as*, para nos servirmos das proprias palavras que elles empregam. Não fazem lá outra coisa, nem lá vão senão para isso e para tirar do seu mister os lucros de direito.

O que faria D. Miguel de mais? O que faria D. Miguel de menos?

Digam, digam, se são capazes!

Em tempo de paz podre, de subserviencia, de mansidão abjecta como esta em que vivemos, nem Nero, transportado a este tempo e a Portugal, faria mais. Em tempo de revolta, se um dia vier, as alçadas e os fuzilamentos hão de trabalhar da mesma fórma.

Se é certo que os antecedentes auctorisam os consequentes.

E, posto isto, continuem lá na faina de dar vivas á Christina.

A. B.

Notas falsas

Em Mogadouro foi preso um negociante hespanhol que andava a passar notas falsas de 20$000 réis, typo actual.

O homensinho achava decerto que o negocio era rendoso, mas a policia, que não lê pela mesma cartilha, e que não faz outra cousa senão t o l h e r as vocações alheias, lançou-lhe os gatasios e... calabouço te balha.

Agora verás.

THEATRO AVEIRENSE

Verdadeiramente esplendidos os espectaculos dados no nosso theatro nas noites de 7 e 8 do corrente pela companhia do theatro D. Amelia.

D. Cesar de Bazan é uma peça finissima. Augusto Rosa tem n'ella uma creação brilhante do seu grande talento, que fulgura com a naturalidade serena e realista que só a intuição da arte póde dar. Todo o seu trabalho é um primôr artistico superiormente comprehendido. Não se descreve: vê-se e admira-se. Tudo no desempenho do seu papel é magestoso, e magestosissimas de naturalidade são, sobretudo, as scenas com D. Carlos, o rei austéro que sob a fria indifferença d'um rosto sevéro, mas sereno, occultava o esbrazear intenso d'uma paixão illicita, e em cuja personalidade tão bem se encarnou João Rosa. No entanto, tambem devem especialisar-se, porque tambem são dignos de nota, os papeis distribuidos a Augusto Antunes e a Maria Falcão, aquelle no de D. José de Cordova, e esta no de Maritana, a formosa gitana que pelos seus encantos ateou no peito do rei o fogo d'um desejo ardente.

Zázá parece propositadamente escripta para a Angela Pinto. Dir-se-hia que Berton, ao delinear e Simon ao modificar essa peça que tantos successos tem alcançado, conheciam a Angela. Como o de *D. Cesar de Bazan*, o enredo da *Zázá* é simples, mas satisfaz a todos os paladares pelo contraste das suas situações; e hoje mal se comprehende como estivesse por tantos annos no *rebut* das peças theatraes a obra de Berton e Simon. Tirou-a do pó do esquecimento Porel, marido da Réjane, d'essa mesma que ahi a representou em Lisboa, e desde então o successo foi definitivo.

Quando se falou em ensaiá-la em portuguez com a Angela por protagonista, um frémito de septicismo ironico e desconsolador percorreu a mente dos que tinham applaudido o trabalho da Réjane. Affigurou-se-lhes um arrojo imperdoavel. Entretanto, os ensaios seguiram o seu caminho. A peça representou-se e a Angela Pinto ficou consagrada. Não era uma Réjáne, mas Réjáne, como disse Manuel Penteado, ha uma no mundo, e em Portugal nem sequer havia uma sombra da grande comediante franceza. Censuram-lhe um *excesso* de romantismo de que ainda *não pôde* desprender-se, e que até certo ponto *prejudica* a execução do 1.º e 5.º acto. Não sabemos se haverá justiça n'esta censura de critica. Quiz-nos parecer que o talento de creação em nada prejodicou a execução; e por muito romantica que a Angela ainda seja, o seu romanticismo, por assim dizer organico, longe de ser uma difficuldade a superar no desempenho da Zázá, é um auxiliar valioso, que, em vez de prejudicar a verdade, lhe dá um brilho, um vitalismo realista.

A nosso vêr, impertinencias da critica.

O que é facto porém, é que a plateia aveirense cumpriu maravilhosamente o seu dever, cobrindo de applausos a talentosa actriz que tão repentina e inesperadamente se guindou ás culminancias da Arte.

*

Para as proximas récitas da companhia do Theatro D. Maria, de Lisboa, nos dias 2 e 3 de junho, com o «Frei Luiz de Sousa» e o «Tartufo», já está aberta a assignatura, até ao dia 20 do corrente, nos Armazens da Beira-Mar.

Os preços são os seguintes: camarotes e frizas, 3$500 e 3$000; camarotes de 2.ª ordem, 2$200; cadeiras, 700; superior, 500; geral, 300; galerias, 200 réis.

Já ha grande numero de logares marcados.

A estampilha do soldado

A administração dos correios francezes vai fazer uma emissão especial de estampilhas que serão gratuitamente distribuidas aos soldados para franquia da sua correspondencia.

Estas estampilhas, cuja emissão custará ao Estado mais d'um milhão, teem a marca *F. M.* (*Franquia Militar*).

SUBLIMIDADE MORAL

Sob esta epigraphe publíca o «Heraldo de Madrid» o seguinte *suelto*:

«Julgamos que ha muito tempo se não assignala um rasgo de estoicismo, de grandeza d'alma semelhante ao do padre francez Bruneau. Um telegramma de Paris acaba de nos noticiar até que extremo de resignação e de inteireza de caracter chegou esse martyr austero e crente. Falsamente accusado de ter assassinado o padre Fricot, arrojando o cadaver a um poço e lançando-lhe por cima travessas de madeira, afim d'evitar que viesse á flôr d'agua, protestou que era innocente; mas foi condemnado á guilhotina, e o povo, indignado pelo barbaro delicto, rodeava-lhe dia e noite a prisão, pedindo em alta grita a sua cabeça e entoando o *De profundis*.

Depois, em meio d'estas innanarraveis torturas, proximo a soffrer uma morte affrontosa e horrivel, Bruneau, innocente, calou o nome do assassino, a quem conhecia, porque assim lh'o vedava o segredo da confissão. E subiu ao patibulo e foi decapitado! A creada de Fricot declarou agora, momentos antes de morrer, que fôra ella a auctora do crime, tendo-o confessado a Brusseau. E ahi reapparece a tragedia, a cruenta *via crucis* d'aquelle martyr, cuja figura austera e sublime impõe respeito.

A personalidade d'esse sacerdote heroico e justo, domina-os agora como a incarnação d'um ideal altissimo: lapidado pela multidão, innocente, morrendo por outro, impavido perante a affronta e o martyrio, Bruneau é o representante mais sincero, o mais firme crente do Deus amoroso, do Deus de Misericordia, do Christo crucificado, amando e perdoando na agonia. Por sobre as dôres e as luctas humanas, por sobre os odios e os rancores da terra, esses grandes espiritos lançam uma nova luz de paz e d'esperança.»

Mas nem a velha creada de Bruneau morreu, nem fez a revelação que lhe attribuem. Tudo está no mesmo pé. De maneira que a sublimidade moral vai-se pela agua abaixo.

A's phylarmonicas

Vende-se um Bombardino de primeira qualidade, solista, novo de quatro pistões. Systema prototypo (Honhandes).

Quem o pertender dirija se a Antonio Vicente Ferreira—Aveiro.

PUBLICAÇÕES

Bibliotheca
HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, explendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewiez, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ANNUNCIOS

ARRENDA-SE a casa de azulejo, da rua dos Mercadores. Trata-se com Antonio da Costa, na mesma rua.

(91) **FOLHETIM**

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXVIII

Mas foi interrompido pela sua formosa medica, a quem um sorriso, que ella não poude conter, illuminou por um instante o rosto, cuja expressão habitual era de melancolia contemplativa:

—Eu sou inglez, *sir* cavalleiro, e fallo a lingua ingleza, bem que o meu trajo e a minha descendencia pertençam a outro clima.

—Nobre donzella..., começou novamente o cavalleiro Ivanhoé; e de novo Rebecca se apressou a interrompel-o:

—Não me deis o epitheto de nobre, *sir* cavalleiro. E' bom ficardes já sabendo que a vossa enfermeira é uma pobre judia, filha d'esse Isaac d'York para quem vós fostes recentemente tão bom e caritativo. E' natural que elle e os da sua familia vos dispensem egualmente os cuidados que o vosso estado presente indispensavelmente reclama.

Não sabemos se a bella Rowena poderia ficar inteiramente satisfeita com a especie de commoção com que o seu devotado cavalleiro havia até então contemplado as encantadoras feições, as bellas fórmas e os olhos scintillantes da amavel Rebecca; olhos cujo brilho era velado, e por assim dizer suavisado, por uma franja de compridas e sedosas pestanas, e que um menestrel teria comparado á estrella da tarde dardejando os seus raios através de um caramanchão de jasmins. Mas Ivanhoé era muito bom catholico para conservar sentimentos d'essa natureza para com uma judia. Rebecca tinha-o previsto e foi de proposito que ella se apressou a declarar o nome e a origem de seu pae; no entanto a formosa e discreta filha d'Isaac não era completamente isenta das fraquezas do seu sexo e não poude deixar de suspirar intimamente quando os olhares de respeitosa admiração junta a um vislumbre de ternura que até ahi elle lançava á sua bemfeitora desconhecida, se converteram repentinamente n'uma attitude fria, composta, recolhida e que não exprimia senão os sentimentos de gratidão e delicadeza devidos á piedade inesperada de uma pessoa de raça inferior. Não que as primeiras maneiras de Ivanhoé houvessem expressado mais do que a respeitosa homenagem que a mocidade tributa sempre á belleza; comtudo era bem mortificante para a pobre Rebecca, que não desconhecia certamente os seus direitos a semelhante homenagem, ver que uma simples palavra a rebaixava a uma classe aviltada, á qual eram interdictas quaesquer honras!

Mas a delicadeza e a candura d'espirito de Rebecca não lhe permittiram culpar Ivanhoé de partilhar os preconceitos da sua epoca e da sua religião. Pelo contrario, apezar de convencida de que o doente a considerava agora como uma creatura de raça condemnada, com quem era vergonhoso manter outras relações além das absolutamente necessarias, a bella judia continuou a tratal-o na sua cura e convalescença com a mesma paciencia e dedicação. Informou-o da necessidade que tinham de partir para York e de seu pae haver resolvido leval-o comsigo e tel-o em sua casa até que elle recuperasse a saude. Ivanhoé mostrou grande repugnancia por este projecto, fundamentando-a com o pezar de causar tantos incommodos aos seus bemfeitores.

(Continua.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—*AVEIRO*

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Carimbos de borracha

OS MAIS NITIDOS, PERFEITOS E DURAVEIS

Para industriaes, commerciantes, particulares e repartições publicas.

Fazem-se com promptidão e por preços modicos, na officina de guarda-soes e candieiros, de

M. J. Soares dos Reis

19—R. dos Mercadores—23

AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

traducção de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume **300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHAO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.

BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira.

89—Praça da Batalha—PORTO.

(Em frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SÓ A DINHEIRO

CONFECÇÕES!

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — AVEIRO

N'ESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.